
O OLHAR DE ONDE SE FALA:
ENSAIO SOBRE SILENCIOS, CEGUEIRAS E O SENTIDO DE FAZER HISTÓRIA
DA GEOGRAFIA

Manoel Fernandes de Sousa Neto
Doutor em Geografia Humana pela USP
manoelfernandes@usp.br

Artigo recebido em 13/03/2021 e aceito em 13/04/2021

DOI: 10.12957/tamoios.2021.59114

Este texto não é exatamente um colírio, até porque pensar é estar doente dos olhos, como já nos disse o poeta Fernando Pessoa na voz de Alberto Caeiro. Mas habitando o mundo a partir de um país tropical até no pensamento, sempre é aconselhável usar, pelo menos à luz do dia, uns bons óculos escuros.

O historiador Sanjay Subrahmanyam, autor do delicioso e provocante livro *Impérios em Concorrência: histórias conectadas nos séculos XVI e XVII* escreve, já no seu capítulo inicial, denominado *A Janela que Era a Índia*, sobre os versos que o primeiro astronauta indiano Rakesh Sharma declamara ao olhar a terra da janela de uma nave soviética em 1984: “de todo mundo, o Hindustão é o melhor” e arremata “quem diz que a distância é a mãe da objetividade?” (SUBRAHMANYAM, 2012, p. 15-16)

O nosso olhar, ao final, é o que conta, descreve, narra e busca construir representações do mundo que gostaríamos de herdar ou deixar como herança no futuro. Porque a história, malgrado o presente nem sempre seja aquele que gostaríamos de ter herdado, permanece como processo aberto e em disputa. Por esse motivo, a peleja pelo modo como olhamos o que passou e contamos o que vemos de nossas janelas teóricas, próximas ou distantes, é sempre uma luta sobre o mundo que desejamos herdar ou deixar como herança.

A proposição aqui se assenta, como exemplo, naquilo que Eric Hobsbawm apresenta como sendo o perigo que representam os historiadores para ações políticas explosivas, por isso brinca com aquela ideia de que os historiadores são tão perigosos quanto os químicos que produzem bombas para práticas terroristas. Narrativas historiográficas podem produzir rastilhos de pólvora, guerras, holocaustos, revoluções ou simplesmente propor que mudemos algumas coisas para que tudo permaneça como está.

A questão central do livro *Sobre História* de Eric Hobsbawm (1997), no entanto, vai além dessa potência que possuem a história e os historiadores, para realizar uma denúncia às abordagens pós-modernas que, com seus relativismos, ficcionalizaram a história ao propor, quase nietzschianamente, que fatos não há, há apenas interpretações. E toca em uma questão nodal ao dizer que o holocausto judeu perpetrado pelos nazistas e por Hitler, a expressão mais acabada de um canalha polido para lembrar André Comte-Sponville (2014, pp. 13-21), é um fato, por mais que se possa interpretá-lo das mais diferentes formas.

Alguns intelectuais, dentre eles historiadores que não são pós-modernos, pós-estruturalistas, pós-colonialistas e sim aqueles vinculados à práticas narrativas negacionistas tem um projeto político que é, obviamente, o de negar fatos como: 1) as prisões arbitrárias, torturas e assassinatos que foram perpetradas pelos golpes militares que criaram ditaduras sangrentas na América Latina e particularmente no Brasil nos anos

1960, 1970 e 1980; 2) os riscos para humanidade do uso intensivo de matrizes energéticas fosseis, expressas em mudanças climáticas planetárias; 3) o holocausto judeu levado à cabo pelo nazifascismo durante a Segunda Guerra Mundial.

E como o problema aqui diz respeito ao olhar que lançamos sobre a história, há fatos olvidados que foram trazidos à baila por alguns historiadores preocupados em dizer, por exemplo, que o capitalismo não se realiza ou sobrevive sem a prática do holocausto.

Queria lembrar neste momento o excepcional trabalho vinculado a uma história do clima, feito por Mike Davis e intitulado em língua portuguesa *Holocaustos Coloniais: clima, fome e imperialismo na formação do terceiro mundo* (2002). A tese central serve para demonstrar que não pode haver um mercado mundial de alimentos sem a fome, tratando de discutir como as secas ocorridas na segunda metade do século XIX estiveram todas submetidas ao domínio do Império Britânico de maneira direta ou indireta, na China, na África, no Brasil e na Índia.

Em muitos lugares da Índia onde nunca houvera fome, mesmo diante de longos períodos sem chuva ou destruídos por haver chuva em demasia, El Niño ou La Niña, haveria fome a partir da entrada das ferrovias inglesas que levariam os alimentos agora precificados e só adquiríveis no mercado mediante pagamento em dinheiro.

Foi assim que muitos olhos no Nordeste do Brasil, nomeadamente nos sertões semi-áridos cearenses, viram ocorrer inauguralmente, campos de concentração, ainda entre 1877 e 1879, muito antes que houvesse Hitler, nazistas ou duas guerras mundiais. Fato é que já havia holocaustos e canchucas polidos.

Estima-se que o holocausto colonial descrito por Mike Davis, tenha levado de roldão, nas diversas possessões britânicas, por morte lentíssima e torturante ou massacres rápidos nas sublevações dos famélicos para comer, pelo menos 50 milhões de vidas que a história da formação territorial do capitalismo no estabelecimento do sistema-mundo por muito tempo deixou de contar ou simplesmente tratou como um desastre natural, um acontecimento climático ou uma danação apocalíptica.

O Hindustão com milhões de semi-cadáveres esqueléticos talvez não seja assim, mesmo visto de longe, o lugar mais bonito de todo o planeta e Mike Davis tenha realizado uma história conectada que não necessariamente se apoia em um discurso pós-colonial feito a partir da Índia, mas no fato de o capitalismo ter unificado o mundo à imagem e semelhança do padrão ouro e da libra esterlina.

É por isso talvez que a poesia nos seja tão cara e Raymond Williams já nos tenha ensinado em seu *O Campo e a Cidade na História e na Literatura* (2011) que a poesia é uma forma de engajamento com certas posições políticas e práticas sociais, já que mesmo nessas terras brasileiras em cor de sangue, cor de brasa não há apenas sabiás cantando docemente em palmeiras gentis.

A poesia na perspectiva estética de Hegel (1974), tem a capacidade de unificar as artes conceituais e a música, na medida mesma em que um poema está repleto de musicalidade, ritmos e imagens. Em outras palavras, trata-se a história que fazemos das representações territoriais da formação do mundo, uma questão de linguagem e só a poesia pode às vezes quase dizer o indizível (Rubem Alves, 1991). O problema parece ser: com que palavras e linguagem pretendemos construir determinadas imagens que rompam certas cegueiras e muitos silêncios?

A História da Geografia e a Geografia Histórica que trata da formação territorial talvez devesse produzir um dicionário das palavras incômodas e não incorporáveis aos léxicos comportados dos salões de chá de fim de tarde. Isso, pensando teoricamente, seria

poesia para nossas almas famintas por denunciar e desconstruir a sociedade constituída sob a forma-mercadoria e a subjetividade cultural do valor.(PRADO, 2013)

A palavra barbárie, por exemplo, tão cara a Walter Benjamin (2012) não é um vocábulo que possa ser muito facilmente ressignificado e ao mesmo tempo propõe que olhemos a história da geografia como sendo aquela que fala de geografias da barbárie e além de escovar a história a contrapelo faz um pouco o mesmo movimento to bottom up, de baixo para cima, que segundo Carlos Antonio Aguirre Rojas teria feito a historiografia britânica socialista ao trazer para o centro da cena, da fala e do mundo a “perspectiva erguida do próprio ponto de vista das classes populares” (2017, p.161).

A história conectada da geografia que imaginamos para pensar o mundo que herdamos, com as palavras que melhor nos auxiliem nessa tarefa, não é exatamente a mesma que propõe Sanjay Subrahmanyam e com a qual trabalha tão bem Serge Gruzinski (2010), embora concordemos que não se trata de buscar compreender fenômenos como locais ou remontar os processos de construção nacional para explicar, por exemplo, as lógicas de constituição territorial dos Estados Nacionais.

Uma história conectada das geografias que produziram o mundo material e discursivamente, a partir de uma perspectiva to bottom up, centrada em um olhar da história como campo aberto e a partir de um vocabulário não assimilável pela linguagem do valor, eis o que desejamos poder fazer a contrapelo.

Por isso imaginamos ser necessário fazer alguns ajustes de contas para, a um só tempo reconhecer contribuições importantes vindas de vários olhares, sejam eles olhares que vislumbram arqueologias dos saberes (Foucault, 1995), redes de atores (Latour, 2012) e geografias da ciência (Livingstone, 1992) e, ao mesmo tempo, por em xeque o perigo essencialista de que tudo é puro discurso, de que tudo é híbrido e de que toda tradição geográfica seja antiga ou recente deve ser franco-anglófona.

Ao fim e ao cabo, penso que um dia talvez todos tenhamos ficado um pouco cegos, inexplicavelmente, como o personagem de José Saramago e já não pudemos mais olhar o mundo com aquele estranhamento que enfim nos faz ver que mesmo transportando comida os trens britânicos servem a fome, ao holocausto, a barbárie. O olhar é uma questão de método, assim como o método é uma opção de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. O Poeta, O Guerreiro, O Profeta. Petrópolis, Vozes, 1991.

BENJAMIN, Walter. “Sobre o Conceito de História.” In: Walter Benjamin, O Anjo da História. Belo Horizonte, Autêntica, 2012. (pp. 9-20)

CONTE-SPONVILLE, André. “Polidez”. In: O Pequeno Tratado das Grandes Virtudes. São Paulo, Martins Fontes, 2014.(pp. 13-21)

DAVIS, Mike. Holocaustos Coloniais: clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo. Tradução de Aldo Porto. Rio de Janeiro/São Paulo, Record, 2002.

FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. Tradução Luis Felipe Baeta. 4a ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.

GRUZINSKI, Serge. Las Cuatro Partes del Mundo: historia de una mundialización. México, Fondo de Cultura Económica, 2010.

HEGEL, F. Estética. Poesia. Vol. 7. Porto, Editora Guimarães, 1974.

- HOBSBAWM, Eric. Sobre História. São Paulo, Cia das Letras, 1997.
- LATOUR, Bruno. Reagregando o Social. Bauru, Salvador; EdUSC, UFBA, 2012.
- LIVINGSTONE, David. Putting Science in its Place. Chicago, Chicago Press, 1992.
- PESSOA, Fernando. “O Mundo não se Fez para Pensarmos Nele”. In: O Guardador de Rebanho e Outros Poemas. São Paulo, Cultrix, 1988.
- PRADO, Eleutério. “Da Posição e da Deposição Histórica do Valor”. In: Marx e o Marxismo. Revista do NIEP. Vol. 1(1), 2013. (pp. 108-133)
- ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. A Historiografia no Século XX. São Paulo, Edusp, 2017.
- SARAMAGO, José. Ensaio Sobre a Cegueira. São Paulo, Cia das Letras, 2008.
- SUBRAHMANYAM, Sanjay. Impérios em Concorrência: histórias conectadas nos séculos XVI e XVII. Lisboa, Imprensa das Ciências Sociais, 2012.
- WILLIAMS, Raymond. O Campo e a Cidade na História e na Literatura. São Paulo, Cia das Letras, 2011.